

COMPETITIVIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: o papel da Educação no processo

*Edson Roberto Oaigen**

A Universidade, simbolizando o conjunto ativo e produtivo das várias gerações, tem no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão suas ações básicas. Hoje, outro componente reúne-se aos três anteriores: a prestação de serviços, e com ela, a oportunidade de participar ativamente nos processos que possibilitam o desenvolvimento regional e a reciprocidade no acesso aos avanços científicos e tecnológicos do mundo atual.

Entende-se como **ensino**, tudo aquilo que a Universidade divulga, reelabora e produz, contribuindo, desta maneira, com a construção da cultura geral; como **pesquisa**, engloba-se o resgate daquilo que já existe e a possibilidade da ampliação e do oferecimento de novas alternativas (produtos e processos) que possam contribuir para a melhoria e/ou minimização dos problemas sócio-econômicos e tecnológicos; como **extensão**, a possibilidade de integração e interação permanente com a sociedade loco-regional ou de maior abrangência geofísica e, como, **prestação de serviços**, a possibilidade de participar da evolução e do progresso científico, tecnológico e educacional do mundo presente.

Analisando a questão da competitividade e do desenvolvimento regional pelo lado que se vincula à questão educacional, verifica-se na realidade que a educação pertence ao projeto político de qualquer sociedade, onde se apresenta como incubadeira da cidadania, da democracia, da participação e da autoprogramação. Não é que pessoas eruditas sejam capazes de formular tiranias. A história mostra que assim ocorre. Mas, se um povo pode crescer apesar da educação, não se desenvolve sem ela. Cria-se, então, uma vinculação entre educação e desenvolvimento.

O mundo atual mostra uma sociedade que, dia após dia, acena com novos desafios, novos rumos e novas idéias. No entanto, a preparação da

* Professor no Departamento de Biologia - UNISC
Doutor em Educação/Convênio UFPA/UNICAMP.

juventude, nos três graus de ensino e, principalmente no 3º grau, continua plantada por uma concepção racionalista acadêmica e/ou tecnológica. Até quando manter-se-á este descompasso entre as necessidades inerentes ao mundo que evolui sócio-econômica e tecnologicamente e a Universidade, que tenta alterar esta situação estática e pouco produtiva, mas sente-se imponente, diante de vários aspectos condicionantes: recursos humanos, materiais, equipamentos e, principalmente, o mercado de trabalho para os egressos, entre outros.

O que necessitamos hoje, além de uma boa base teórica-metodológica, é o domínio das relações sociais, principalmente aquelas que envolvem a produção, o trabalho e a formação adequada e competente. No entanto, esta competência será constituída pela relação permanente, interativa e integradora da Universidade e de suas múltiplas ações, com o meio produtivo, social e econômico, valorizando permanentemente o conflito de idéias e evitando a formação dos "feudos" não produtivos, mas atrelado ao poder e à dominação. A Universidade sem conflito de idéias é um ser com vida vegetativa.

A educação atual, diante da competitividade instalada e cada vez mais crescente, não parece ser a sua maior virtude a de formação de recursos humanos, simplesmente porque tal atividade é menos de "formação" do que de "treinamento". Na realidade, para "treinamento" não são necessárias as Escolas e a Educação, ainda que estas tenham óbvio efeito de socialização, no sentido de promoverem comportamentos favoráveis à incorporação de habilidades, sem necessariamente compreendê-las, favorecendo e criando condições favoráveis à competitividade.

A questão do desenvolvimento e da competitividade é também, e acima de tudo, uma questão de **INTERDISCIPLINARIDADE**, pois esta caracteriza-se por vários aspectos, que, se desenvolvidos e vivenciados, possibilitariam a visão de mundo não-compartmentalizada. Vejamos o que caracteriza este processo interdisciplinar e de contextualização:

a) **ASPECTOS HUMANÍSTICOS**: o homem é o centro e em torno de si os processos desenvolvem-se, reavaliam-se e, tornam-se determinantes de várias situações.

b) **ASPECTOS FILOSÓFICOS**: toda a ação executada desenvolve-se através de um processo interativo: conhecimento-objeto-homem-conhecimento.

c) **ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS**: abordando as formas e a importância da construção permanente do conhecimento, em todos os campos

das ciências e respeitadas suas características próprias.

d) **ASPECTOS METODOLÓGICOS**: a riqueza de métodos, suas particularidades e o seu uso mostram a necessidade da Universidade atualizar-se na busca de novos caminhos para o seu desenvolvimento, tanto em nível interno como externo.

A relação que faço entre a competitividade e o desenvolvimento com a Interdisciplinaridade, busca mostrar que o processo de Desenvolvimento Regional não ocorre por segmentos estanques, mas através de várias ações que identificam e caracterizam a sociedade como uma estrutura inter-relacional e contextualizada. Desta maneira, enquanto persistir a Educação desvinculada do meio sócio-político e cultural, o Desenvolvimento Regional, será resultado daquilo que os grupos dominantes desejam para os seus objetivos imediatos, ou seja, um espaço para o crescimento do **capitalismo monopolista**, sob o amparo e o rótulo de uma **pseudo-democracia**.

O processo educativo mostra que o ensino e a aprendizagem quando ocorre pela reprodução e pela imitação, inibe o ato criativo e produtivo. No entanto, quando o processo utiliza-se da pesquisa, esta proporciona não só a produção do conhecimento, mas sobretudo **aprender** em sentido criativo. O Desenvolvimento Regional ocorrerá quando as pesquisas realizadas nas Universidades, ou em parceria a outros órgãos de fomento às Ciências e Tecnologia, possibilitarem o avanço interativo e integrador da Universidade com os anseios e necessidades loco-regionais.

É necessária a compreensão das relações que se produzem no espaço vital abrangido pela Escola e pela Sociedade Interativa. É nesse espaço que devemos analisar a realidade social presente e o desenvolvimento regional necessário para a melhoria das condições de vida das populações. O papel da Universidade através de suas bases (ensino, pesquisa, extensão e prestação de serviços), devem ser capazes de agir com embasamento político suficiente, nas transformações necessárias para a promoção do bem comum na atual sociedade, colaborando para a redução da atual estratificação social, tão marcante e preocupante nos dias atuais.

Concluindo, é inevitável que qualquer projeto de desenvolvimento regional, quando organizado sobre fundamentos éticos e não-populistas, constitui-se em estratégias de superação dos problemas existentes e de prevenção de problemas vindouros.

A ação da Universidade deve estar voltada para a previsão de futuros problemas, e, desta forma, ao evitá-los, também mostra uma presença marcante

diante dos problemas atuais. A promoção do conhecimento, não significa apenas a busca de possíveis soluções para os atuais problemas, mas, acima de tudo, a busca de alternativas para preveni-los.

A participação da Universidade, através da Educação, no projeto de desenvolvimento regional, deve estar atenta à produção de uma cultura alicerçada em valores éticos e morais permanentes e verdadeiros, ressaltando entre eles, os democráticos. A democracia interna e social tem amparo na sociedade, no entanto, não pode ser demagógica e nem populista: *A verdadeira democracia significa conviver bem com os diferentes*, pois dessa maneira a Educação cumpre o seu papel no Desenvolvimento Regional.

AS SURPRESAS DO MODELO CONCEITUAL DE BECKER

Sérgio Schaefer*

Percebemos que o conceito básico que comanda as articulações discursivas do tema apresentado por Dinizar Becker — *Competitividade: Um novo padrão de desenvolvimento regional* — vem a ser o conceito de construção. Evidentemente, este conceito não nos é dado assim nessa sua forma singela. O autor soube complexificá-lo com pelo menos outros quatro sub-conceitos que, juntos, constituem um sistema conceitual. Esses outros sub-conceitos são: desconstrução, reconstrução, igual e diferente.

Proponho-me, nesse momento, a fazer uma análise, mesmo que superficial, devido ao pouco tempo que cabe a cada debatedor, do sistema conceitual que sustenta o exercício de compreensão e interpretação crítica feito aqui pelo palestrante a respeito das transformações porque passa o capitalismo contemporâneo.

Minha análise, como se pode ver, pende muito mais para a dinâmica lógica do próprio discurso do que para os aspectos contingentes do processo capitalista, tal como este se dá neste ou naquele momento, nesta ou naquela parte do mundo, nos países de "capitalismo organizado" ou naqueles de "capitalismo regulado".

Vejamos, pois, como se organiza conceitualmente a palestra que acabamos de ouvir.

Becker aceita uma situação original — que mais à frente chamaremos de situação de princípio — como ponto de referência e ponto de partida: existe algo já construído. A construção já existente, este algo já construído se identifica consigo mesmo, ou seja, é um igual. Nele não aparecem nem transparecem diferenças. Segundo a formulação clássica, vigora aqui o monótono princípio de identidade: $A = A$, ser = ser, árvore = árvore, pobre = pobre, capitalismo = capitalismo etc.

* Professor no Mestrado em Desenvolvimento Regional - UNISC
Professor no Departamento de Ciências Humanas - UNISC
Doutorando em Filosofia - UFRGS